



GT 038. Famílias em perspectiva: filiação, parentalidades e outras formas de conectividade

Leandro de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais) - Coordenador/a, Alessandra de Andrade Rinaldi (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) - Coordenador/a, Flávio Luiz Tarnowski (Universidade Federal de Mato Grosso) - Debatedor/a

Este GT é motivado pelo cenário contemporâneo de controvérsias públicas envolvendo família, gênero, sexualidades e direitos. O grupo discute a família enquanto modo de conectividade localizado (modulado por marcadores como geração, classe social, religião, etc) e enquanto símbolo político disputado. Abordaremos temas como conjugalidades, parentalidades, adoção e relações com a família de origem, examinando reconfigurações das conexões entre público e privado. A proposta é focalizar nexos entre cenários político-culturais, movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, interações e relações de poder em contextos plurais, com atenção a experiências relativas ao exercício parental entre sujeitos com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Quais são os percursos trilhados por casais (ou por pessoas fora de parceria conjugal) ao construir a filiação como projeto (ou ao rejeitar e/ou abdicar de filhos preteridos)? Como operam as formas de parentalidade exercidas por pessoas LGBT e sobre pessoas LGBT? De que forma discursos científicos, jurídicos e políticos têm abordado estes temas? Serão acolhidos estudos que abordem: conflitos, manutenção de laços e discursos sobre emoção no cotidiano da casa e dos grupos domésticos; usos políticos da noção de família, moralidades e a produção de discursos de verdade; produção e ruptura de laços no âmbito das práticas jurídicas; enlances entre família, direitos sexuais e laicidade do Estado.

A casa que acolhe: etnografia de uma casa de acolhimentos para pessoas LGBTs

Autoria: Jesser Rodolfo de Oliveira Ramos

Neste paper pretendo descrever as relacionalidades que são estabelecidas entre os moradores e moradoras da Casa 1. A Casa 1, objeto da minha pesquisa de mestrado que se iniciou em março desse ano, é um centro cultural e uma república de acolhimento que ajuda pessoas LGBTs expulsas de casa por suas famílias devido às suas orientações sexuais e suas identidades de gênero. O acolhimento dessas pessoas na república ocorre por 4 meses e tem como objetivo atender e assistir seus moradores e suas moradoras. Além disso, no centro cultural são realizadas atividades educacionais, culturais e educacionais para os moradores e moradoras da república e para pessoas que frequentam a Casa 1. O objetivo da Casa é construir um “espaço seguro para as pessoas LGBTs acolhidas e para todas as pessoas - de grupos raciais, de classe, de faixa etária e de origem distintas - que frequentam o centro cultural” para, assim, promover “a potência e a riqueza dessas experiências e trocas”. Trata-se de um “projeto orgânico que se modifica de acordo com a necessidade e a diversidade dos seus públicos”. Segundo me disse um dos organizadores, além de ser um espaço que acolhe pessoas LGBTs, a Casa 1 busca construir um espaço coletivo e político. Nesse sentido, pode-se dizer, que a Casa 1 é um lugar, como aponta (Carsten e Hugh-Jones, 1995), onde a vida se desdobra, se modifica e se move. Todas as dinâmicas e os movimentos que ocorrem nos espaços da Casa 1 podem estabelecer múltiplas formas de relacionalidades (Carsten, 2000) entre seus habitantes. De acordo com seus organizadores, o ato de acolher é “mais que oferecer um teto, é também apresentar oportunidades, trazer perspectivas e socializar”. Dessa forma, a Casa 1 é um lugar que pode evocar e mobilizar as discussões antropológicas de casa como um lugar que movimenta processos vitais, um lugar que faz política e um lugar que se relaciona com o mundo. A partir disso, uma das questões que passou a guiar minha pesquisa foi



atentar para que dinâmicas e processos compõem a Casa 1 em meio às múltiplas formas de relacionalidades que são construídas entre a Casa 1 e seus habitantes, sejam eles os moradores da república de acolhimento ou as pessoas que frequentam o centro cultural. Neste paper especificamente, pretendo mostrar os arranjos associativos particulares que são produzidos pelos moradores e moradoras da república e, assim, descrever como esses arranjos articulam uma noção de casa específica nesse espaço doméstico.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

